

Discurso do Senhor Presidente
da Câmara Municipal do Porto
Dr. Rui Moreira

Apresentação do projeto Mercado do Bolhão

22 Abril 2015
11:00 Mercado do Bolhão

[PT]

O Porto espera, pelo menos há trinta anos, por obras neste mercado.

Trinta anos são muito tempo para um equipamento que a cidade reconhece como sendo uma sua joia. Sobretudo, é tempo demais para os comerciantes que aqui exercem a sua atividade. Diria mesmo, que aqui vivem, há gerações e perpetuam de mãe para filha, de pai para filho, uma forma de ser Porto.

É tempo demais, também, para os seus clientes e para os turistas que insistem em ver o Bolhão como um lugar de passagem obrigatória.

Não devemos, contudo – não vou fazê-lo – lamentar-nos pelo tempo perdido.

Prefiro acreditar que desde 1984, ano em que definitivamente foi identificada a urgência de obras no Mercado do Bolhão, se foi ganhando consciência em relação aos modelos arquitetónicos e políticos que deveriam aqui ser aplicados.

Esse tempo, esses modelos e projectos, gosto de vê-los como um caminho de aprendizagem e até de sondagem ao sentimento da cidade.

Esses projectos que foram sendo lançados, da autoria de arquitectos vários e em conjunturas políticas distintas; os modelos e as soluções alvitrados e mesmo as reacções mais ou menos intempestivas que a cidade foi manifestando em relação a algumas opções, foram, na verdade, uma extraordinária fonte de informação e inspiração para o projecto que hoje apresentamos.

O edifício deveria ou não manter a sua fisionomia arquitectónica? Deveria ou não ter uma cobertura? Deveria ou não ter uma grande cave para estacionamento? Deveria ou não ter residências e restaurantes? Deveria ou não ser entregue a privados? Deveria ou não ser transformado num shopping ou num mercado “gourmet”? Deveria ou não privilegiar os seus naturais vendedores? Deveria ou não preservar a sua função?

Na verdade, no Porto tudo se discute!

Porque no Porto tudo se pode discutir. A cidade sempre recusou grilhetas e mordças. Sempre recusou calar-se e virar as costas, indiferente, ao seu património e às suas raízes. O Porto sempre foi a cidade liberal onde todos querem participar em tudo.

Já o disse: isso faz parte do carácter da cidade. Esse é o nosso ADN e é esse ADN que queremos preservado aqui no Bolhão.

Se estes 30 anos deram ao Mercado alguma coisa, essa consciência do que queremos ou não queremos aqui fazer é, com certeza, o mais importante.

Mas, como em tudo na vida, há um tempo para pensarmos, um tempo para propormos, há um tempo para discutirmos e até recusarmos... e há um tempo para fazermos.

Este é o tempo para fazermos!

Este é o tempo para executarmos o Projecto do Mercado do Bolhão!

Não é cedo, mas também não é tarde para o fazermos e para garantir que os cheiros, os sabores, os sons e o espírito do Bolhão não se perdem.

E não é tarde, porque o Bolhão não perdeu a sua alma. Os seus vendedores, a sua música, o seu afecto, os seus afectos, nunca se perderam. Esses, não precisam de reabilitação. Esses só precisam que saibamos devolver-lhes o carinho que, por cada um de nós, sempre souberam esbanjar.

Foi em nome desse carinho que sempre aqui senti, quando vinha comprar um peixe para o jantar ou quando simplesmente passava para ter a certeza que o Bolhão ainda cá estava, foi em nome desse respeito que sempre tive por este lugar e pelas suas gentes, que aqui não entrei na última campanha eleitoral.

Terei sido, por ventura, o único candidato, em décadas, que cá não veio para distribuir beijinhos e autocolantes, prometendo o mundo e o seu contrário e garantindo que isso aconteceria já depois de amanhã.

Não quero hoje, no momento em que apresentamos o Projecto do Mercado do Bolhão e damos início a um processo sem retorno, comprometer-me com grandes datas ou que a obra estará completa para que alguém aqui possa vir na próxima campanha eleitoral.

Mas posso garantir que foi uma obra bem pensada. Que foi bem projectada, por uma equipa multidisciplinar politicamente liderada por mim e pelo meu vereador, o Arquitecto Correia Fernandes, e por todo o executivo, diga-se.

Posso também garantir que o projecto de arquitectura está bem entregue nas mãos do Arquitecto Nuno Valentim e da sua equipa.

Posso ainda garantir que o concurso público para a sua execução será lançado depois deste Verão e que a obra será feita no menor prazo possível para ficar bem feita, a tempo dos seus actuais vendedores regressarem e voltarem a encher este lugar com a sua fruta, as suas flores e sua alegria.

Embora isso não me assustasse como hipótese de recurso, posso ainda garantir que este projecto não precisará de dinheiros privados para ser executado. A Câmara do Porto, graças a

um caminho de sustentabilidade que encetou há anos e que no último ano e meio soubemos honrar, tem uma situação financeira que lhe permite encarar este desafio sem sobressaltos e sem depender de ninguém.

Acreditamos, contudo, que será possível candidatá-la a cofinanciamento comunitário. Pela importância que o Bolhão representa para a economia da cidade, para o turismo e para a reabilitação urbana, não posso sequer imaginar que assim não seja.

Os pouco mais de 20 milhões de euros que a operação custará no total, incluindo a construção do mercado que transitoriamente acolherá os actuais comerciantes e todo um conjunto de despesa que previmos nas mais variadas alíneas que uma intervenção desta dimensão acarretará, são, por isso, um investimento pesado, mas sustentável para as boas contas do Porto.

Minhas senhoras e meus senhores,

É tempo, por isso, de fazermos o que tem que ser feito.

E o que tem que ser feito? O Bolhão!

O Bolhão que não precisa de nenhuma operação plástica. O Bolhão que é lindo, que respira, que deixa entrar em si a cidade e que tem o céu como o seu tecto.

O que tem que ser feito é, portanto, o Bolhão. Nem mais. Com a dignidade e com a sua função de sempre. Devolvidas e asseguradas por muitos anos.

As soluções que aqui vamos aplicar, todas bastante conservadoras no seu aspecto final – propositadamente conservadoras – não são contudo um “lavar de cara”, como alguns chegaram a preconizar que bastaria.

Os problemas estruturais do edifício, a degradação de um século de desgaste e o adiar de soluções, tornaram este mercado muito doente e a precisar de intervenções muito profundas.

Também as exigências da modernidade nos obrigam a intervir em soluções tecnológicas actuais.

Temos que garantir a elevação de pessoas com mobilidade reduzida através de elevadores; temos de assegurar que aqui se podem fazer cargas e descargas com condições de sustentabilidade e conforto para as imediações do mercado. Temos que garantir que, ainda quanto a esse aspecto, o mercado apresenta condições competitivas para que a indústria da restauração e da hotelaria aqui venha abastecer-se.

O conforto dos comerciantes e dos visitantes; as condições de segurança humana e alimentar que hoje são exigidas; o acesso fácil e confortável a partir de transporte público, nomeadamente a partir da rede de Metro do Porto; redes de eletricidade, esgotos, frio e

aquecimento modernas e muitas outras valências exigidas em pleno Século XXI, têm que estar presentes.

E tudo isto, sem estragarmos o Bolhão. Tudo isto, mantendo a sua traça, a sua função, as suas soluções mais genuínas e a sua alma.

O que temos pela frente é, então, o quê? Uma requalificação, uma regeneração, uma reabilitação, um restauro? Deixo os conceitos e termos técnicos para a discussão natural que os arquitectos certamente lançarão. Na verdade, a qualificação da operação que aqui vamos começar, pouco importa aos portuenses. Chamemos-lhe então, simplesmente, “O Projecto do Mercado Bolhão”.

Um projecto que tem uma dimensão de arquitectura, uma dimensão económica, uma dimensão cultural, uma dimensão turística e uma dimensão humana que ultrapassam, até, qualquer entendimento técnico.

Queria terminar confessando-vos o seguinte:

Vai ser difícil ver o Mercado do Bolhão em obras. Viver sem ele durante muitos e muitos meses. Passar sem os seus cheiros e sabores.

Tudo faremos, contudo, para informar os portuenses sobre o andamento do processo, das obras e sobre o momento do regresso. Tudo faremos para que ninguém esqueça o Bolhão e os seus vendedores. Queremos que regressem depressa. Mas não atropelaremos qualquer data em função de qualquer conveniência política, eleitoral ou pessoal.

Esta obra, a sua qualidade e o regresso ao funcionamento do mercado têm que ser um bom pronúncio para o próximo século de Bolhão.

A comunicação do mercado, a formação de quem aqui irá trabalhar e a promoção e animação do espaço são temas críticos para que esse próximo século não seja tão sofrido e não voltemos a ter que passar mais 30 anos a pensar no passo seguinte e dizermos que é urgente.

Como muito outros equipamentos da cidade, também o Bolhão poderá vir a ter um ou mais mecenas que nos possam ajudar nestas tarefas assessorias mas fundamentais. Numa condição: o Bolhão terá que ser sempre o Bolhão.

O Bolhão que conhecemos e amamos. O Bolhão, mercado de frescos, público, aberto, livre, liberal e sem preconceitos.